

# À competitividade ou o ópio do (a) intelectual neoliberal

*The competitiveness or the opium of the neoliberal intellectual*

**Leonardo Pinto de Almeida**

*À memória de Marcos Bueno*

Este número gostaria de dedicar a um amigo que nos deixou neste ano por complicações derivadas da doença que nos aflige. Marcos Bueno era um intelectual consistente e atento, um homem carinhoso e generoso que não encontramos com facilidade no meio acadêmico brasileiro. Perdemos um parceiro, um amigo...

Assim, gostaria de propor um minuto de silêncio...

**Leonardo Pinto de Almeida**

**Universidade Federal de Mato Grosso**

Professor de Letras da Universidade Federal de Mato Grosso. Doutor em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Editor-chefe da Revista ECOS – Estudos Contemporâneos da Subjetividade.

[leonardo\\_almeida@id.uff.br](mailto:leonardo_almeida@id.uff.br)

\*\*\*

Espero que os (as) leitores (as) entendam que suas decisões nas futuras eleições presidenciais de 2022 farão deles (as) cúmplices ou não do descaso e da morte de tantos brasileiros e brasileiras por causa da covid 19. O negacionismo tosco de nossos (as) conterrâneos (as) se choca com a realidade e a contundência do vírus que nos assola. Muitas mortes poderiam ter sido poupadas se entendêssemos que a pandemia é um problema de todos nós, que devemos proteger a nós e aos outros e que devemos saber escolher quem nos governa. O vírus nos impõe um questionamento ético de nossas atitudes para conosco, com o outro, com a política e com a natureza.

Mas será que estamos preparados (as) para isso?

\*\*\*

Pensei ingenuamente que a pandemia e suas consequências pudessem modificar nossa visão míope e nossas atitudes competitivas em relação à produção acadêmica. No entanto, a falta de generosidade da maioria dos (as) colegas em avaliar os trabalhos a que lhe são submetidos ainda é alarmante e sintomática.

Para quem não sabe, um artigo deve passar pela avaliação de pares sem identificação mútua para que o texto seja devolvido para os (as) autores (as) fazerem as devidas modificações.

A maioria dos (as) colegas que são convidados (as) a avaliar seus pares não só recusam a dar pareceres como muitas vezes ignoram a mensagem enviada de solicitação. Devido à política de publicação neoliberal, a competição é implementada e não a colaboração, a generosidade, tão própria aos nossos povos originários.

Os professores e as professoras não aceitam avaliar porque não conta pontinhos nesse joguinho imposto pelos órgãos de fomento que muito parece o *ranking* de um duolingo qualquer.

Quando um número vem a lume, os (as) autores (as) e (as) leitores (as) não fazem ideia da quantidade de trabalho humano envolvido para que um artigo seja publicado. Gastamos no mínimo 10 horas para cada artigo, contando com solicitação e acompanhamento dos pareceres, normalização e diagramação.

Há um negacionismo em relação ao trabalho humano envolvido. É triste que o meio acadêmico de hoje esteja embebido de tão pouca generosidade intelectual.

No entanto, gostaria de frisar que agradeço imensamente a todos (as) aqueles (as) que se dispõem a avaliar os trabalhos enviados. São estes (as) colegas que tornam a publicação de um número possível. Faz tempo que tenho pensado que talvez os (as) avaliadores (as) sejam mais cruciais para o desenvolvimento intelectual brasileiro do que os (as) próprios (as) autores (as).

Agradeço a eles (as) por seu posicionamento político em relação ao saber, sustentado pela colaboração e generosidade.

Devemos desejar um mundo com mais colaboração e generosidade ao invés dessa competitividade tosca e vazia que nos leva ao individualismo opiáceo do neoliberalismo contemporâneo.

\*\*\*

Forçados a pensar o contemporâneo a partir dos acontecimentos deste ano, abrimos uma sessão especial em que autores e autoras convidados (as) responderão a questão: “o que é ser contemporâneo(a) hoje?”. Fomos brindados nesta inauguração com os textos de Isidro Herrera que traça reflexões sobre a questão em um nível de sofisticação intelectual que nos faz devorar as palavras com a voracidade e a esperança de uma resposta, e de Santiago Diaz que nos convoca a pensar sobre a pandemia pela via de uma erótica-política para questionarmos os componentes pedagógicos e policialescos, deflagrados por nossa relação com a virótica de nosso tempo.

Além disso, o número foi composto por artigos que apresentam com clareza a diversidade do campo da psicologia que temos como missão.

Sem mais delongas, termino o editorial do presente número. Desta forma, só me resta convidar aos leitores e às leitoras a tomar a tecitura dos artigos aqui expostos para usufruírem da tão maravilhosa capacidade humana de produção de sentido.

Boa recepção!

Leonardo Pinto de Almeida